



Turismo: reflexões e desafios

Queila Pahim da Silva
organizadora



Pantanal Editora

2021

Queila Pahim da Silva
Organizadora

**TURISMO:
REFLEXÕES E DESAFIOS**



Pantanal Editora

2021

Copyright® Pantanal Editora
Copyright do Texto® 2020 Os Autores
Copyright da Edição® 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capa: Canva.com

Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T938	Turismo: reflexões e desafios [recurso eletrônico] / Organizadora Queila Pahim da Silva. – Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2021. 160p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-41-3 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319413 1. Turismo – Pesquisa – Brasil. 2. Lazer. I. Silva, Queila Pahim da. II. Título. CDD 338.4791
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

O turismo é uma atividade econômica, social, cultural, ambiental e política que se consolidou como fenômeno social em todo o mundo e que acarreta profundas transformações no cotidiano das pessoas e do meio ambiente. Deste modo, é imprescindível conhecer e refletir sobre seus inúmeros desafios e potencialidades.

No intuito de apresentar pesquisas na área, esta obra reúne trabalhos acadêmicos de autores de várias partes do Brasil e de Portugal, que trazem seu olhar sobre questões inerentes à atividade turística num contexto anterior e corrente da pandemia do novo coronavírus, abordando temas como cultura, religiosidade, preservação de patrimônio natural e imaterial, governança, destinos inteligentes, política pública do mapa da turismo brasileiro, acessibilidade e gestão de eventos culturais em uma organização pública.

No primeiro capítulo expõe-se a festa de São Benedito e São Sebastião, na vila de Itaúnas, no Estado do Espírito Santo, como forma de valorizar as manifestações culturais e religiosas dessa localidade, que tem neste evento um potencial turístico a ser apreciado e incentivado.

O segundo capítulo apresenta o caso da Ilha do Porto Santo, uma micro ilha pertencente ao Arquipélago da Madeira, situado na costa portuguesa, que possui no turismo, sua única fonte de renda. Os autores trazem uma reflexão sobre os conceitos de *smart tourism* e *smart islands*, como alternativa para a diversificação da economia e preservação ambiental da localidade.

No terceiro capítulo, mostra-se o chafariz da Praça Dom Joaquim na cidade de Conceição do Mato Dentro, município de Minas Gerais (Brasil), avaliando as representações que estiveram imbricadas na construção deste monumento, inaugurado em 1825. É objetivo do trabalho analisar as diferentes representações e alegorias que envolveram a execução e a configuração desta obra a fim de promover uma ação educativa com novas abordagens para a sua avaliação e análise.

O quarto capítulo descreve uma proposta conceitual para o desenvolvimento e a inclusão de sindicatos na governança em destinos turísticos inteligentes e demonstra a relação direta entre as tecnologias, a inovação e a sustentabilidade para que uma cidade possa se tornar um destino turístico inteligente.

O quinto capítulo tem como tema o mapa do turismo brasileiro, dando ênfase aos elementos necessários para um município fazer parte desta política pública. Como objetivo central, o estudo buscou analisar como o município de Filadélfia, Tocantins, vem respondendo ou correspondendo às necessidades das políticas públicas de turismo no tocante ao processo de categorização dos municípios para compor o mapa do turismo brasileiro.

O sexto capítulo é uma reflexão de diversos trabalhos relacionados com a temática da acessibilidade, caracterizando-se como um estudo preliminar no contexto do turismo acessível em Brasília.

Apresenta um ranking feito pelos autores, dos espaços de lazer para a prática de turismo acessível em Brasília, avaliando alguns de seus principais atrativos turísticos.

No sétimo capítulo, é analisada as relações existentes entre práticas turísticas e sustentabilidade na Orla Pôr do Sol e Crôa do Goré (Aracaju/SE) através dos modelos de análise da sustentabilidade Pressão-Estado-Resposta e Barômetro de Sustentabilidade do Turismo. Os resultados apontam um retrato positivo da sustentabilidade na área de estudo.

Já o oitavo capítulo suscita questionamentos na relação turismo, espaço urbano e lazer, especialmente no que se refere às relações estabelecidas entre os moradores e os espaços de convivência e cidadania, apresentando o caso das diferentes formas de uso e apropriação das áreas públicas de lazer no município de São Bernardo, Maranhão.

E por fim, o nono capítulo discorre sobre a gestão de eventos culturais em uma organização pública da região sudeste brasileira e a relação desse tipo de evento para o fomento do turismo nas localidades que os sediam.

Espera-se que os trabalhos aqui apresentados fomentem reflexões sobre os desafios que o turismo enfrenta, a fim de auxiliar em novas pesquisas e na sensibilização sobre a urgente necessidade de mudança de atitude dos gestores, comunidade local e visitantes em relação à correta preservação, gestão e utilização das localidades turísticas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Apresentação	4
Sumário	6
Capítulo I	7
Cultura, religiosidade, tradição e turismo no norte capixaba: a festa de São Benedito e São Sebastião na vila de Itaúnas, ES	7
Capítulo II	23
Turismo e mono indústria, a emergência da mudança - O caso da Ilha do Porto Santo - Contributo para a Recuperação da Economia das Ilhas	23
Capítulo III	37
Turismo e Patrimônio Material: o caso do Chafariz com representação de indígenas em Conceição do Mato Dentro – Minas Gerais (Brasil)	37
Capítulo IV	53
Governança em destinos turísticos inteligentes: Uma proposta conceitual incluindo os sindicatos	53
Capítulo V	76
Estudo sobre a acessibilidade em atrativos turísticos de Brasília (DF)	76
Capítulo VI	89
Mapa dos municípios turísticos brasileiros: um estudo sobre a cidade de Filadélfia/TO	89
Capítulo VII	109
Práticas Turísticas e Sustentabilidade na Orla Pôr do Sol e Crôa do Goré (Aracaju/SE)	109
Capítulo VIII	129
Áreas urbanas e vivências comunitárias: um estudo de caso do município de São Bernardo, Maranhão	129
Capítulo IX	145
Eventos culturais em um órgão público: uma abordagem interdisciplinar entre Comunicação e Turismo	145
Índice Remissivo	158

Cultura, religiosidade, tradição e turismo no norte capixaba: a festa de São Benedito e São Sebastião na vila de Itaúnas, ES

Recebido em: 15/09/2020

Aceito em: 21/09/2020

 10.46420/9786588319413cap1

Patrícia Côrtes Costa¹ 

Raquel Lage Tuma^{2*} 



Fonte: Costa (2017).

INTRODUÇÃO

Itaúnas é um distrito do município de Conceição da Barra, no extremo norte do Estado do Espírito Santo, que dista aproximadamente 300 km da capital, Vitória. Criado pelo decreto provincial nº 4 de 04/07/1861 a “Vila de Itaúnas”, como é nacionalmente conhecida, possui em torno de 1.000 habitantes, em sua maioria nativos descendentes de caiçaras³ e quilombolas⁴, acrescidos por pessoas que foram fazer turismo, decidiram ficar e viver desta atividade.

¹ Bacharel em Turismo (FACTUR-ES), Bacharel em Direito (UVV - Universidade de Vila Velha), Especialista em Ecoturismo e Educação Ambiental (UFLA); Mestre em Turismo: Planejamento e Gestão Ambiental e Cultural (Unibero-SP).

² Bacharel em Turismo (UCDB-MS); Especialista em Gestão de Turismo, Hotelaria e Eventos (Uniderp-MS); Mestre em Turismo: Planejamento e Gestão Ambiental e Cultural (Unibero-SP); Doutora em Geografia (UFG-GO), com Doutorado Sanduíche na Universidade de Paris IV Sorbonne (Paris, França).

*Autora correspondente: tuma.raquel@gmail.com

³ Caiçara: Pessoa que vive no litoral e interage com o mar, por exemplo, vivendo da pesca.

⁴ Quilombola: Habitante ou remanescente de quilombo, que por sua vez era a comunidade autônoma de resistência organizada pelos escravos africanos fugidos das fazendas dos colonizadores portugueses.

O local possui como maior atrativo turístico suas dunas, formadas ao longo dos anos com o carreamento das areias pelos fortes ventos da região e, que aos poucos, soterraram a antiga vila. Uma nova vila formou-se nas proximidades, do outro lado do rio, nas décadas de 1960 e 1970, e a religiosidade existente ficou ainda mais forte.

Além dos atrativos naturais, a vila possui uma cultura arraigada e baseada nos costumes religiosos passados de geração a geração. Como em todo o Brasil, a mistura de credos e referências culturais tornou suas manifestações religiosas culturalmente ricas e peculiares. Nesta região, em especial, ritos africanos misturam-se a louvores católicos e delineiam singulares celebrações.

Portanto, neste artigo tem-se o objetivo de apresentar a Festa de São Benedito e São Sebastião realizada no mês de janeiro em Itaúnas, de forma a valorizar as manifestações culturais e religiosas de uma localidade, que tem neste evento um potencial turístico a ser apreciado e incentivado.

REFLEXÕES SOBRE CULTURA, TURISMO E PATRIMÔNIO IMATERIAL

Pode-se dizer que a cultura de um povo representa todo o modo de vida, costumes, tradições, ritos religiosos e suas manifestações artísticas. Ela se impõe às pessoas e as condiciona, moldando indivíduos, grupos e valores.

A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada. A cultura, por outro lado ainda, se é considerada como sendo um conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, este conjunto, entretanto, é entendido como sendo parte do cotidiano e cunhado no seio das relações sociais de uma sociedade de classes (Corrêa et al., 2010).

Diante de cada meio social o qual o homem está inserido, ele se faz a partir das culturas que fizeram parte daquela socialização. Esse conjunto de ações e práticas, algumas vezes pode ter a corroboração do contexto religioso. que unido dos aspectos psicológicos conduzem a conduta do indivíduo. O fazer cultura

[...] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (Geertz, 1989).

A cultura também se torna um fator de diferenciação da situação social, econômica, política, da identidade e do status que é reconhecido a cada um, onde cada pessoa recebe uma herança cultural e a interioriza diferentemente, não necessariamente usando para a mesma finalidade, mas com interpretações variadas. Por isso, em uma sociedade, nem todos compartilham da mesma herança, podendo, assim, um traço ser aceito por muitos e outros não o reconhecerem, como acontecem com as religiões.

Os indivíduos seguem uma determinada religião por distintos motivos, como: pela sua herança cultural familiar, pelos valores apresentados pela instituição, pelas experiências vividas e diversas outras causas que podem levar a essa escolha. Para muitas de pessoas, a religião é o fio condutor de suas vidas,

sendo extremamente relevante obedecer “a risca” suas normas para que possa ser “aceita” nesta instituição. Para outras, a religião é importante, entretanto, ela é uma das bases de sustentação da sua vida, o que muitas vezes faz não seguir todos os preceitos dessa religião.

[...] povo católico tradicional da cidade, que através de suas irmandades, vivencia e reafirma o sentido religioso tradicional familiar. Esse sentido passa pelas relações privadas, de vizinhança, de continuidade atávica com a religiosidade de seus pais, sempre atualizadas pelos rituais e obrigações em torno das imagens dos santos padroeiros em seus adros, capelas e igrejas [...] (Camurça et al., 2003).

Essa continuidade com a religiosidade é passada de geração em geração. A Festa de São Benedito e São Sebastião traz aos seus adeptos uma representação simbólica daquilo que creem, dentro de um louvor festivo de miscigenação cultural, cumprindo com suas obrigações religiosas; e aos turistas, que assistem e/ou participam, uma experiência cultural.

Em 1989, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estabeleceu a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, a qual fornece elementos para a identificação, a preservação, a continuidade e a disseminação deste patrimônio e, desde então, estimula a sua aplicação ao redor do mundo (UNESCO, 2015). Este documento reforça a necessidade dos Estados-membros a incrementar pesquisas adequadas em nível internacional, nacional e regional, definindo a cultura tradicional e popular como:

[...] o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (Iphan, 2015).

Algumas festas populares têm se transformado em espetáculos que acontecem por intervenção das igrejas, dos poderes públicos, dos empresários locais e/ou dos devotos, em detrimento a diversos motivos, por exemplo, para a produção de um produto comercial e, conseqüentemente, também turístico.

a relação entre a cultura e a atividade turística não pode ocorrer sem a necessária compreensão das formas de caracterização e estruturação pertinentes ao segmento. O desenvolvimento desse tipo de turismo deve ocorrer pela valorização e promoção das culturas locais e regionais, preservação do patrimônio histórico e cultural e geração de oportunidades de negócios no setor, respeitados os valores, símbolos e significados dos bens materiais e imateriais da cultura para as comunidades (BRASIL, 2010).

O turismo é uma das maneiras de se preservar estes eventos tais como são, a fim de que o visitante possa participar de um acontecimento que tenha uma produção mais íntegra do que realmente representa esta manifestação cultural. Ele deve deixar que a essência destes eventos populares fique independente de sua atividade. Nos diversos segmentos existentes no mercado de viagens, a atividade que possui essa característica é o turismo cultural que “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando

e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.” (BRASIL, 2006). Este tipo é um segmento que, embora ainda as pessoas ainda prefiram pelos destinos de sol e praia, a cultura também tem se despontado.

Em pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo, intitulada Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil – 2007, apresenta-se as principais motivações de viagem dos turistas brasileiros, onde o turismo cultural obtém 12,7% dos entrevistados, 5,1% a religião e 3,1% indicam os eventos culturais, esportivos e sociais (BRASIL, 2010). As manifestações culturais, mais especificamente, as festas podem adentrar em qualquer um dos três dados, que poderiam variar de acordo com a compreensão do entrevistado. Contudo, a fim de expor uma informação mais precisa quanto a este tipo de fenômeno, apresentam-se os dados de outro estudo denominado Hábitos de Consumo de Turismo Brasileiro – 2009, efetivado pelo mesmo órgão de turismo, que quando se questiona sobre o motivo principal da viagem, as festas populares aparecem responsáveis por 6,3% dos entrevistados; e ao detalhar indagando sobre os principais aspectos positivos da viagem realizada, estas festas estão empatadas com a gastronomia com 5,8% (BRASIL, 2010).

Tais dados são relevantes para que possam incentivar e auxiliar os administradores públicos a inventariar seus potenciais - nesta pesquisa se dá ênfase aos patrimônios imateriais - e a formular e adotar planos e políticas públicas específicas ao que a localidade pode oferecer às novas tendências do mercado turístico. Ainda, podem auxiliar aos empresários na formatação de seus produtos e juntamente com o poder público elaborar roteiros culturais criativos para alcançar esta nova demanda. Vale ressaltar que o turismo não é a salvação para a permanência de todos os patrimônios imateriais, ainda se depende de inúmeros fatores, principalmente políticos e econômicos.

A Carta de Mar del Plata sobre o Patrimônio Intangível, de junho de 1997, compartilha da preocupação da Unesco em salvaguardar o patrimônio imaterial e recomenda o fomento à articulação entre as políticas de preservação patrimonial e o turismo, para permitir o incremento social produtivo (Iphan, 2015).

Em 04 de agosto de 2000, por meio do Decreto nº 3.551, é instituído no Brasil o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, devendo ser inspecionado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (BRASIL, 2000). O Iphan vê este registro como forma do reconhecimento e da busca da valorização desses bens. A cultura popular brasileira ganha respaldo com esta legislação para a permanência e preservação de seus bens imateriais. O patrimônio imaterial é um bem intangível, que pode ter diferentes formas de manifestações, como a gastronomia, as danças e as festas. As festas devem ser registradas no Livro de Registros das Celebrações, no qual: “[...] serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”. (Brasil, 2000, Decreto, Art. 1º, Inciso II).

A Unesco publicou em Paris, 17 de outubro de 2003, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial e define como patrimônio cultural imaterial:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana. Para efeitos da presente Convenção, só será tomado em consideração o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos existentes, bem como com a exigência do respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e de um desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2006, art. 2º).

Somente em 12 de abril de 2006, ou seja, mais de dois anos da Convenção para a Salvaguarda de Paris, o Brasil promulga esta Convenção para que seja executada e cumprida na íntegra o que nela contém, por meio do Decreto nº 5.753. Atualmente existem alguns elementos brasileiros inscritos na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco, como: a Roda de Capoeira (2014), o Círio de Nazaré: procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém – Pará (2013); o Frevo: arte do espetáculo do carnaval de Recife (2012); e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2008) (Unesco, 2015).

MÉTODO E METODOLOGIA

O método utilizado foi a fenomenologia, uma vez que ela permite uma investigação direta, assim como a descrição dos fenômenos experienciados. Além disso, admite uma explicação causal, de modo livre de preconceitos.

Os aspectos metodológicos desta pesquisa tiveram aporte em Dencker (1998), caracterizando-se como sendo exploratória, que conforme a autora é “indicada para as fases de revisão de literatura, formulação de problemas, levantamento de hipóteses, identificação e operacionalização das variáveis” (Dencker, 1998), a qual tem como forma de apresentação a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso.

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica com o intuito de realizar um levantamento conceitual e definição de marcos históricos, partindo de materiais elaborados, como livros e artigos científicos. Segundo Dencker (1998) “A pesquisa bibliográfica permite um grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”. A pesquisa de gabinete de material específico da Festa foi realizada na biblioteca do Parque Estadual de Itaúnas.

O estudo de caso foi outra técnica para pesquisa por ser um estudo profundo e exaustivo de determinadas situações. Pretendeu-se atingir “o conhecimento em profundidade dos processos e relações sociais” (Dencker, 1998), observando a ocorrência dos rituais e suas influências na sociedade e, ainda, envolvendo exame de registros e entrevistas.

Também se caracterizou por ser uma pesquisa descritiva, a qual empregou técnicas padronizadas de coleta de dados e teve como objetivo descrever as características de determinada população e fenômeno (Dencker, 1998). Ainda, foi explicativa, usando o método observacional (Dencker, 1998), que identificou os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Foi realizada a observação *in loco*, no ano de 2017, que ocorreram de maneira sistemática, quando antes de sair para fazer a pesquisa de campo, faz-se um planejamento prévio e, durante, utiliza-se de anotações e registros fotográficos.

A FESTA DE SÃO BENEDITO E SÃO SEBASTIÃO

O historiador Guilherme Santos Neves, em seu artigo “Folclore capixaba” (publicado no Jornal A Gazeta, em 23 de maio de 1968) ressalta as diversas influências culturais provenientes principalmente dos negros e dos nordestinos na construção cultural capixaba: “Há, porém, dois aspectos populares que (parece) – sem correspondentes hoje em outras regiões do Brasil – representam o folclore do Espírito Santo: As Festas de Mastro e as Bandas de Congos.”. Neves coloca que existem ou já existiram eventos com mastros de santos em vários Estados, principalmente eventos juninos, mas as Festas de Mastro capixabas são peculiares.

As referidas festas capixabas dedicadas a um ou mais santos se iniciam com a cortada, seguindo-se a puxada e, finalmente a fincada do mastro, dentro do ritual que as distingue na maioria das vezes contando com um barco, mas sempre tendo o mastro e a bandeira do santo, acompanhados do “vibrante aparato poético-musical” das Bandas de Congos. Estas etapas - cortada, puxada e fincada - não ocorrem no mesmo dia, sendo parte festiva, porém preparatória, para a festa maior em louvor aos santos padroeiros.

Por quase todos os recantos do Espírito Santo, principalmente nas áreas que compreendem os municípios de Vitória, Cariacica, Serra, Aracruz, Fundão, Timbuí, Acióli, Ibirapu, Alfredo Chaves, Guarapari, Colatina, São Mateus, Conceição da Barra... — se realizam as duas fases em que se divide a Festa: a cortada e a puxada do mastro.

Um mês, mais ou menos, antes da festa do Santo (São Pedro, São Sebastião, São Benedito...) procede-se à cortada do mastro. Um tronco, previamente escolhido, é abatido, esgalhado e depois arrastado por juntas de bois, enfeitados, canga e chifres, com guirlandas de flores e folhagens. À festa comparece o festeiro, os integrantes da Banda de Congos, devotos do santo e povo. Conduzindo festivamente, ao som das toadas da Banda, à casa do festeiro, aí permanecerá o tempo necessário ao seu preparo — lixamento e pintura —, até o dia da puxada. Há mastros trabalhados com arte, roliços ou facetados, pintados de uma ou de várias cores e desenhos; outros, porém, são toscos e ásperos, quase da grossura natural, menos na ponta ou “grimpa”, onde será colocada a bandeira — pintura do Santo em tela ou pano, encaixada na armação ou “guarda” de madeira. Quer o mastro quer a bandeira se renovam anualmente, competindo aos festeiros, eleitos ou espontaneamente apresentados, o encargo de prepará-los, como à barca, para a Festa, fato que constitui, geralmente, honraria das mais disputadas (Neves, 1968).

A puxada do mastro se realiza, nas vésperas ou no dia do Santo padroeiro da localidade. Enquanto em várias localidades capixabas o mastro é posto sobre o barco ou navio para começar a puxada, na Vila

de Itaúnas ele é levado nos ombros pelos pescadores e devotos. A festa consiste em uma curta procissão, pois o mastro é sempre preparado em uma área aberta às margens do Rio Itaúnas e levado até a frente da igreja em percurso de aproximadamente um quilômetro. É uma procissão simples, sem santo nem andor, a não ser a bandeira com a imagem do santo, quase sempre conduzida por devotas, na frente do cortejo que é acompanhado por instrumentistas ou de bandas de congo ou de um Ticumbi local. Ao chegar à frente da igreja, ao som de cânticos é feito o ritual da fincada do mastro, com foguetório e salves.

Não apenas as Festas de Mastro, mas várias são as manifestações culturais que enriquecem os festejos em louvor aos santos padroeiros da comunidade itaunense, São Benedito e São Sebastião. Baile de Congos ou Ticumbi, Reis de Boi e Jongo, são exemplos de festejos praticados nos dias dedicados aos santos.

O baile de congos, mais conhecido na região como Ticumbi, é também chamado de brincadeira de rei, ou uma celebração festiva que, segundo a memória local, acontece há mais de 200 anos na região norte do Espírito Santo em homenagem a São Benedito. Seus integrantes o definem como uma tradição cultural proveniente da África que foi recriada pelos africanos e seus descendentes nas senzalas das fazendas escravocratas, nos quilombos e nas comunidades negras urbanas.

O termo tradição é utilizado frequentemente para retratar fenômenos que acontecem por um período. Diversos são os autores que discutem essa relação de tempo e de práticas acerca deste tema. Hobsbawm (2002), na obra “A invenção das tradições”, traz uma discussão acerca do tema e aponta que as tradições podem ser tanto aquelas que surgiram recentemente ou em um tempo indeterminado, que não se sabe ao certo quando apareceram, quanto às que foram inventadas. O autor entende por “tradição inventada”

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. (Hobsbawm, 2002).

Hobsbawm (2002) ainda aponta que ela advém na tentativa de deixar os acontecimentos imutáveis e invariáveis de encontro com as inovações e mudanças do mundo moderno, no aspecto da vida social. Entretanto, Hatzfeld (1993) observa que pode haver uma fragilidade na tradição e aponta duas formas distintas de interpretação

A tradição não pode deixar de mudar. Por isso podemos interpretar o mesmo fenômeno de duas maneiras diferentes. Ou a tradição é frágil, o que constitui um perigo para o grupo social interessado: é necessário reforçá-la, e para isso (...) acaba-se, entre outras medidas, por confiar a homens especiais o cuidado de a vigiar e proteger. Ou, outra interpretação: a tradição muda e, seja qual for essa mudança, é a certeza de que as sociedades humanas não ficarão fechadas em tradições imóveis, como os animais o estão em regras instintivas, inalteráveis. Nada prova que a mudança seja sempre positiva. Nada garante que ela se oriente no sentido do progresso. Mas fica aberta a

possibilidade de adaptação a condições diferentes. Quer isto dizer que quando se verificam mudanças noutros setores da vida social, quando se trata de mudanças técnicas, políticas, demográficas ou de qualquer outra natureza, não é impossível que o discurso tradicional as acompanhe. Nesse caso, a mudança pode considerar-se uma possibilidade eventual. (Hatzfeld, 1993).

Algumas questões, como exemplo, as festas populares, são tidas como tradições e, com o passar de geração em geração, é improvável que não haja nenhum tipo de mudança. Em Itaúnas ocorrem pelo menos quatro dias de festa: em dois dias acontecem os ensaios dos Ticumbis locais e nos dias seguintes a estes ensaios sucedem as apresentações dos Ticumbis, juntamente com outras apresentações: Alardo, Reis de Boi, Reis de Boi Mirim e Jongo locais.

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso (Durkheim, 2000).

A vila também recebe outros grupos da região (Santana e sede de Conceição da Barra), e convidados de outros municípios do Espírito Santo, enriquecendo culturalmente ainda mais os festejos. Os ensaios começam cedo, por volta das oito horas da noite, em um sítio ou fazenda da zona rural, e continuam até a manhã do dia seguinte, quando o grupo segue alguns quilômetros de barco pelo rio Itaúnas até a ponte na entrada da vila, onde é recebido pela imagem do santo padroeiro ao qual o ensaio e a apresentação são dedicados.



Figura 1. Chegada do barco com os brincantes (A) e sequente procissão do Ticumbi até a igreja passando pela ponte, cheia de turistas (B). Fonte: Costa (2017).

O cortejo segue ao som dos cânticos até a igreja, onde o Ticumbi se apresenta. A chegada do barco (Figura 1A), enfeitado de flores e fitas, por si só é um evento aguardado pelos turistas. Uma salva de fogos de artifício anuncia sua chegada e, ao ouvir os fogos, os turistas correm para a ponte para ver o cortejo chegar (Figura 1B).



Figura 2. Apresentação do Ticumbi no interior da igreja. Fonte: Costa (2017).

As apresentações que seguem os ensaios não são feitas com as vestimentas dos bailes de congo, pois os “brincantes⁵” seguem direto de um evento ao outro, do ensaio, varando a noite, à descida do rio do barco, chegada na vila e procissão a pé até a apresentação na igreja (Figura 2). Mas não é a única exibição de cada Ticumbi: em outro momento da festa, normalmente após a missa em honra a um dos santos (São Benedito em um dia, São Sebastião no outro dia) em frente à igreja ocorre cada Ticumbi, ou seja, se desenrolam os duelos entre o Reis de Bamba e de Congo. A elas se seguem as manifestações dos jongos, Reis de Boi e do Alardo, ocupando o dia e as noites de Itaúnas.

Na tarde, no segundo dia das festividades, é feita a cerimônia da fincada do mastro: cânticos são entoados na procissão onde vários homens carregam o mastro de São Benedito até fincá-lo (colocá-lo de pé) em frente à igreja (Figura 3).

⁵ Brincantes: pessoas que fazem parte da brincadeira, desenvolvendo um ou mais papéis na atividade ou encenação.



Figura 3. Procissão segue levando o mastro (A) e fincada do Mastro de São Benedito (B). Fonte: Costa (2017).

Para melhor entendimento da Festa, segue uma breve explanação sobre as brincadeiras.

TICUMBI / BAILE DE CONGOS

O Ticumbi é uma das manifestações culturais mais marcantes do norte do Estado do Espírito Santo.

O Baile dos congos para São Benedito, mais conhecido como Ticumbi, é uma referência cultural ou celebração festiva afro-brasileira específica do Espírito Santo, embora mantenha relações e algumas semelhanças com outros bens culturais afro-brasileiros, como congos, congadas, cacumbis e cucumbis. Trata-se de uma dança que acontece, segundo a memória e a genealogia de seus integrantes, há mais de 200 anos na região norte do Espírito Santo. O baile é definido pelos dançantes como uma tradição cultural proveniente da África e que os africanos e seus descendentes teriam recriado nas senzalas, quilombos e, posteriormente, nas comunidades negras da vila de Itaúnas e da cidade de Conceição da Barra (Oliveira, 2016).

Apesar das possuir semelhanças, o Ticumbi realmente difere de cacumbis, congadas e congos de outros estados, pois não possui elementos característicos destes, como rainha, príncipe, quimboto.

Ele é composto por dezoito personagens, dois reis, dois secretários, doze congos tocadores de pandeiros, um violeiro e um porta-bandeira. Todos se vestem de branco e portam capacetes enfeitados com fitas e flores coloridas na cabeça. O mestre é um dos integrantes do baile - que pode ser um dos congos ou o violeiro - responsável pela gestão da festa, que vai da criação dos versos, composição das canções e da realização dos ensaios aos dias propriamente da festa. Seu papel é reafirmar sempre a devoção e o compromisso religioso dos congos com São Benedito (Oliveira, 2009).

As “embaixadas” são diálogos desafiadores criados pelos participantes embaixadores dos reis do Congo; o resto fica por conta do mestre. Compõem-se de versos criativos, que mudam sempre a cada ano, onde se destacam os duelos verbais e as críticas sociais ao que acontece de ruim à comunidade local (Figura 4).



Figura 4. Apresentação do Ticumbi de São Benedito (A) e Santa Clara, com o Mestre Caboclinho na viola (B). Fonte: Costa (2017).

REIS DE BOI

O Reis de Boi é uma brincadeira com base na história bíblica dos reis magos, mas com origens na cultura africana. Os brincantes criam poemas e trovas em homenagem aos Reis Magos (ou Santos Reis), Baltazar, Belquior e Gaspar e se apresentam nas casas dos devotos “festeiros”, indicadas por estandartes. É a brincadeira folclórica mais popular da região norte capixaba.

Nesta brincadeira, os brincantes são músicos e dançarinos que usam roupas parecidas, (normalmente todos usam a parte de baixo da mesma cor, com camisas brancas), coroas de flores e fitas; parte deles se fantasia de animais (como no presépio, mas adaptando-se à fauna local). Os bichos representados expressam a realidade ambiental vivida dos quilombolas e demais membros da comunidade.

As festas encenam um mundo ecológico e encantado desaparecido em grande parte do Sapê do Norte, pois a devastação ambiental da Mata Atlântica pelas empresas da monocultura de eucaliptos e da cana-de-açúcar exterminaram os animais existentes na região. Entre os animais ali representados estão: serpentes, jacarés, tamanduá, caititu, lobo e loba, onça, porco espinho, cachorro do mato, cavalo marinho, dragões, mula-sem-cabeça, duas caras e lobismem. O reis é uma dramatização social, de tudo aquilo que os brincantes gostariam de denunciar do ano que passou e o que desejam anunciar para o novo ano (Oliveira, 2009).

Como no Ticumbi, há a figura do mestre, que versa e canta juntamente com o vaqueiro - figura do Reis de Boi que impõe desafios ao dono da casa (festeiro) onde é feita a brincadeira. O festeiro oferece aos participantes o espaço e alimentação, acolhendo os brincantes e também reverenciando os padroeiros (Figura 5).

(A) (B)



Figura 5. Grupo de Reis de Boi descansando após apresentação em casa de festeiro (A) e detalhe dos chapéus típicos do Reis de Boi (B). Fonte: Costa (2017).

ALARDO

O Alardo (do francês arabizado al-ard) de São Sebastião é um festejo que representa uma batalha entre dois grupos guerreiros, os mouros e os cristãos, que batalham pela posse da imagem do santo, com o objetivo de ofertar a ele uma festividade própria.

Cada lado possui uma cor - azul ou vermelha - em suas vestes e um símbolo em sua bandeira. Os símbolos são elementos essenciais para o processo de comunicação, os quais podem nos oferecer uma noção intuitiva do que representa aquele determinado signo. Na vestimenta é usado o vermelho para os mouros e o azul para os cristãos. Na bandeira tem a lua crescente na vermelha e a cruz na azul. Seus integrantes são divididos por patentes: capitão, embaixador, tenente, alferes da bandeira, caixeiro, tambor e soldados repartidos entre cortadores e atiradores.

O único instrumento existente é o tambor, presente em cada lado, que bate compassado marcando o ritmo dos acontecimentos. Não há cantoria, apenas o embate dividido em duas etapas. O primeiro ato ocorre no dia 19 de janeiro, quando os caixeiros, batendo o tambor (cada um de seu exército) vão buscar os integrantes de casa em casa, obedecendo a hierarquia das patentes. Cada grupo ao chegar ao campo, em frente à igreja, em fila e com postura militar, se dirige a seus postos: os mouros à frente de sua “fortaleza” e os cristãos em reverência (Figura 6). Após o embate em versos entre os embaixadores, inicia-se a luta. Ao final do primeiro dia, a imagem do santo é roubada da igreja pelos mouros e levada à sua fortaleza, onde permanece até o embate do segundo dia, quando os cristãos a recuperam e convertem os mouros à sua religião.

(A)



(B)



Figura 6. Apresentação do Alardo em frente à igreja de Itaúnas (Conceição da Barra, ES). Fonte: Costa (2017).

JONGO

Enquanto todas as brincadeiras acima citadas são praticadas por homens, o Jongo é a brincadeira destinada às mulheres. Os homens, no jongo, só podem participar tocando os instrumentos, que são o tambor e a casaca - espécie de reco-reco com cabeça, típica do estado do Espírito Santo.

No jongo as mulheres dançam em roda dupla e cantam um balé coreografado no ritmo do tambor, onde rodopiam suas saias rodadas feitas de chita e trocam de pares ininterruptamente (Figuras 7). O Jongo de Itaúnas é o grupo que encerra os festejos, após a missa de São Sebastião, no dia 20 de janeiro.

(A)



(B)



Figura 7. Jongo de Itaúnas (A) e Jongo de Santana (B). Fonte: Costa (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que o turista viaja para descobrir, viver e experimentar novidades, conhecer novos locais e culturas diferentes do que vivencia em seu cotidiano. A riqueza cultural existente nos costumes e tradições de pequenos núcleos - como a vila de Itaúnas - é imensa e, como no caso do Alardo, única, pois além de ser um costume da região norte do estado do Espírito Santo não se tem mais registro de sua prática ininterrupta em outras comunidades.

A Festa de São Benedito e São Sebastião - por ser realizada em janeiro, mês de férias escolares no Brasil - recebe turistas e veranistas, não tendo uma estimativa real de fluxo específico para o evento. Estimou-se como público, no ano de 2015, entre 400 a 600 pessoas assistindo e acompanhando diretamente as festividades, fora os nativos e brincantes. No ano de 2020, antes da pandemia chegar ao Brasil, o público continuava oscilando entre os mesmos números de 2015. É um público muito pequeno para o tamanho da riqueza cultural existente. Porém, quase não há divulgação do evento, a não ser para a comunidade local e religiosa, e para os envolvidos no setor cultural do Espírito Santo.

Ao mesmo tempo em que a tradição persiste, e a religiosidade é um fundamento da festa, a questão cultural sofre com interferências cada vez maiores: aculturações, modificações de caráter histórico e religioso promovidas de forma involuntária ou mesmo não espontânea, como também apropriações indevidas do uso de imagem para fins comerciais sem sequer o conhecimento dos envolvidos. Outro problema existente - derivado dos usos e costumes da atualidade - é a perda de interesse dos mais jovens, voltados à modismos “televisivos” e fora de sua realidade (americanização, funk, hip hop) além do aumento da população evangélica na localidade, o que vem gerando um decréscimo no número de brincantes.

É preciso ter o cuidado para que esta festa não se descaracterize e torne-se um produto puramente comercial, conforme a afirmação de Debord (1997): “O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto.” Uma forma de combater esta transformação é que fortaleça as raízes e tradições desta manifestação popular para que não seja jugulada aos interesses políticos e econômicos, mantendo a atuação popular na organização, deixando sua existência independente de quaisquer fatores externos.

O turismo pode e deve agir como ferramenta de valorização cultural, fazendo com que haja uma elevação da autoestima dos grupos envolvidos e uma consequente compensação econômica para a comunidade envolvida.

O processo para registro de patrimônio imaterial é uma alternativa para a permanência, a continuidade e a valorização da Festa de São Benedito e São Sebastião. Entretanto, sabe-se que existem dificuldades em relação à efetivação deste registro. Isto ocorre por diversos fatores, dentre eles: pela falta de informação específica, sobre as questões discursadas no que tange ao patrimônio imaterial e sua legislação, daqueles que organizam a festa e que buscam para que ela se perpetue; em virtude da quantidade

de manifestações culturais no Brasil, principalmente por ser um país de área extensa e ter diversidade migratória, conseqüentemente, dificultando a identificação destas festas; e por falta de interesse político dos gestores locais de dar início ao processo de registro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL (2000). Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm. Acesso em 24 out 2020.
- BRASIL (2006). Ministério do Turismo. Segmentação do turismo: marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo.
- BRASIL (2010). Ministério do Turismo. Turismo cultural: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- Camurça MA, Giovannini Jr. O (2003). Religião, patrimônio histórico e turismo na semana santa em Tiradentes (MG). *Horizontes Antropológicos*, 9 (20): 225-247.
- Corrêa RL, Rosendahl Z (2010). Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: Corrêa RL, Rosendahl Z. (Org.). *Introdução à geografia cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 9-18.
- Debord G (1997). *Sociedade do espetáculo*. Editora: Contraponto. Rio de Janeiro.
- Dencker AFM (1998). *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. Editora: Futura. São Paulo
- Durkheim É (2000). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. Editora: Paulus. São Paulo.
- Geertz C (1989). *A interpretação das culturas*. Editora: Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro.
- Hatzfeld H (1993). *As raízes da religião: tradição – ritual – valores*. (Trad. Armando Pereira da Silva). Editora: Instituto Piaget. Lisboa. 284p.
- Hobsbawm E (2002). Introdução: A Invenção das Tradições. In: Hobsbawm E, Ranger T (Orgs.). *A Invenção das tradições*. (Trad. de Celina Cardim Cavalcante). Rio de Janeiro: Paz e Terra: 9 -23.
- IPHAN (2015). Carta de Mar del Plata sobre Patrimônio Intangível. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=269>. Acesso em: 28/janeiro/2015.
- Neves GS (1968). Folclore Capixaba. In: *Jornal A Gazeta*, 23/05/1968.
- Oliveira OM (2009). *Culturas quilombolas do Sapê do Norte*. Vitória, ES.
- Oliveira (2016). *Ticumbi: o baile dos congos para São Benedito*. In: Maciel C. *Negros no Espírito Santo*. 2.ed. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

UNESCO (2015). REPRESENTAÇÃO da Unesco no Brasil. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>. Acesso em: 28/janeiro/2015.

UNESCO (2006). Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

acessibilidade, 30, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88
adaptações, 59, 85, 86, 115
atrativos, 8, 54, 55, 64, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 98, 102, 108, 109, 118, 121, 123, 125, 135

B

barreiras arquitetônicas, 79, 84
Brasília, 21, 76, 77, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 145

C

Comunicação, 55, 140, 145, 146, 148, 151, 156, 157
comunidade, 7, 9, 13, 17, 20, 32, 80, 101, 115, 117, 130, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 155, 156
cultura, 8, 9, 10, 17, 21, 51, 54, 67, 86, 88, 115, 118, 132, 133, 134, 141, 142, 144, 147, 148, 149, 153, 156

D

desenvolvimento sustentável, 11, 59, 62, 93, 109, 110, 111, 112, 115, 116
Destinos Turísticos Inteligentes, 55, 64, 73
Distrito Federal, 77, 88
diversificação econômica, 27, 34

E

eventos culturais, 9, 10, 76, 133, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156

F

feira, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 132

G

gestão de eventos, 145, 146, 149, 150, 154, 155, 156
gestão pública, 73, 95, 102, 103, 143

governança, 32, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 107, 127

I

ilhas atlânticas, 25
indicadores de sustentabilidade, 110, 112, 120
Itaúnas, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 16, 19, 20

L

lazer, 54, 76, 77, 81, 84, 86, 108, 110, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 155

M

mapa do turismo, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 100, 102, 103, 105
memória, 13, 16, 37, 40
Minas Gerais, 37, 39, 49, 52, 87, 107

O

organização pública, 146, 150, 151, 154, 155, 156

P

patrimônio, 9, 10, 11, 20, 21, 22, 37, 39, 50, 51, 77, 129, 131, 133, 134, 135, 139, 140, 143
patrimônio imaterial, 10, 20
Pessoa com Deficiência, 78, 82, 87
Porto Santo, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33
povos indígenas, 37, 46, 50

R

ranqueamento, 84, 85

S

São Bernardo, 129, 130, 136, 139, 140, 141
sindicatos, 53, 55, 58, 68, 69

T

Tocantins, 89, 90, 91, 98, 99, 100, 101, 106, 108

turismo, 7, 9, 10, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 31, 32,
33, 34, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64,
65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77,
78, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93,
94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104,
105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113,

114, 116, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131,
133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143,
144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156,
157

turismo cultural, 9, 10, 129

Turismo Sustentável, 86, 112, 113

SOBRE A ORGANIZADORA

Queila Pahim da Silva



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico nas áreas de Turismo, Hospitalidade e Lazer no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012); Especialista em Planejamento e Consultoria Turística pela Faculdade Estácio de Sá RN (2009); Bacharel em Turismo pela Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte (2005) e técnica de Guia de Turismo pelo SENAC RN (2005). Atua nas áreas de formação de professores para a educação bilíngue de Surdos, educação de Surdos e oratória para ouvintes. Participa dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL) da Universidade de Brasília, Comunidade Escolar: Encontros e Diálogos Educativos da Universidade Católica de Brasília e Ensino de Libras - Língua Brasileira de Sinais do Instituto Federal de Brasília. Faz parte do corpo editorial da Pantanal Editora.

O turismo é uma atividade econômica, social, cultural, ambiental e política que se consolidou como fenômeno social em todo o mundo e que acarreta profundas transformações no cotidiano das pessoas e do meio ambiente. Deste modo, é imprescindível conhecer e refletir sobre seus inúmeros desafios e potencialidades e para fomentar esta análise, esta obra apresenta trabalhos acadêmicos de autores de várias partes do Brasil e de Portugal, que trazem seu olhar sobre questões inerentes à atividade turística num contexto anterior e corrente da pandemia do novo coronavírus, abordando temas como cultura, religiosidade, preservação de patrimônio natural e imaterial, governança, destinos inteligentes, política pública do mapa da turismo brasileiro, acessibilidade e gestão de eventos culturais em uma organização pública.

ISBN 978-658831941-3



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br